

Lourenço Cazarré

Devezenquandário de Leila Rosa Canguçu

Ilustrações
Carolina Cochar Magalhães



Conforme a nova ortografia
1ª edição



SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Copyright © Lourenço Cazarré, 2013

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS
GASTALDO DE OLIVEIRA
Editora: KANDY SGARBI SARAIVA
Coordenação e produção editorial:
TODOTIPO EDITORIAL
Preparação de texto: MIRACI TAMARA
CASTRO
Auxiliares de serviços editoriais: FLÁVIA
ZAMBON e LAURA VECCHIOLI
Estagiária: GABRIELA DAMICO
ZARANTONELLO
Suplemento de atividades: MIRACI TAMARA
CASTRO
Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. e
LILIAN SEMENICHIN
Revisão: ISABELA NORBERTO e ANA LUIZA
CANDIDO
Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC
Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS
Projeto gráfico: LEONARDO ORTIZ
Capa: LEONARDO ORTIZ e CAROLINA
COCHAR MAGALHÃES

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C379d
Cazarré, Lourenço, 1953-
Devezenquandário de Leila Rosa Canguçu / Lourenço
Cazarré ; [ilustrações Carolina Cochar Magalhães].
- 1. ed. - São Paulo : Saraiva, 2013.
128 p. : il. ; 21 cm. (Jabuti)

ISBN 978-85-02-20567-3

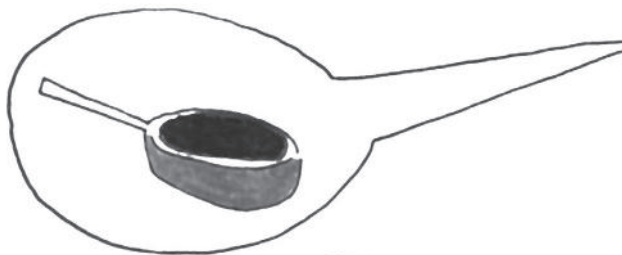
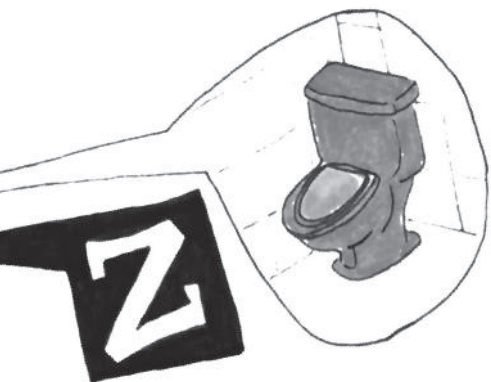
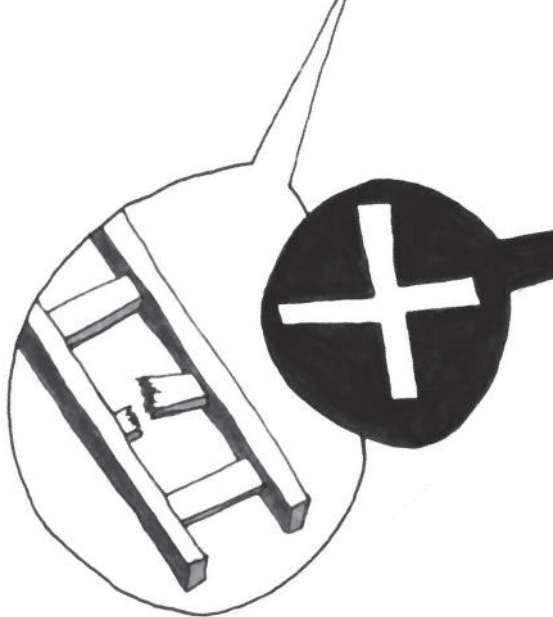
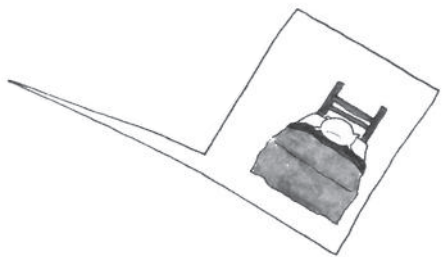
1. Adolescência - Ficção infantojuvenil. 2. Literatura
infantojuvenil brasileira I. Magalhães, Carolina Cochar.
II. Título. III. Série.

13-02160

CDD: 028.5
CDU: 087.5

3ª tiragem, 2017.

CL: 810251
CAE: 571432



Uma irmã com quem conversar



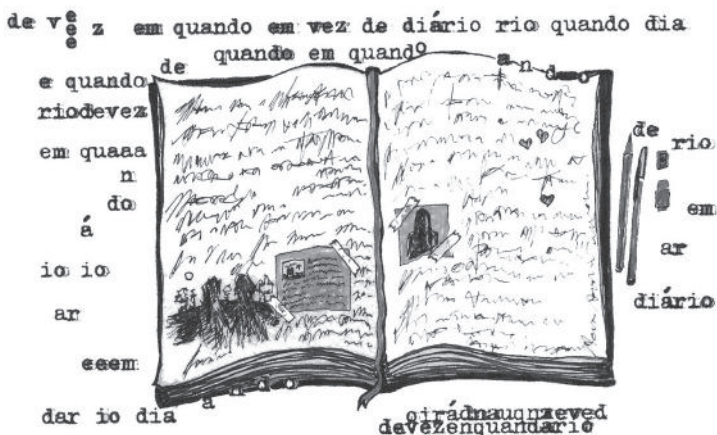
Anteontem, no meu aniversário de catorze anos, o pai me deu este computador.

– Basta de escrever à mão, Leila Rosa. O futuro chegou pra você.

Não é um computador ultramoderno, mas quebra o galho. Agora, vou continuar o *devezenquandário*, que escrevo faz muitos anos nuns cadernos desbeijados.

Desde os dez anos tenho essa mania de escrever sobre as coisas que acontecem comigo. Mas nunca tive paciência de escrever todos os dias, só de vez em quando. Então, inventei a palavra: *devezenquandário*.

Bem, papai nunca falou assim claramente, mas eu sei... Ele gostaria que eu fosse jornalista como ele. Toda vez que tiro



nota boa numa redação, ele vibra. Mas eu ainda não sei o que vou ser na vida, nem quero pensar nisso agora.

Depois dessas poucas linhas, já deu para ver que no computador é mais fácil escrever. Se a gente erra, pode corrigir em seguida.

Ontem papai me disse:

– Escreva um pouco todo dia, Leila Rosa. Você vai se familiarizando com o computador e aperfeiçoando o seu texto. Quando prestar o vestibular, já vai estar bem treinada pra fazer a redação.

– Calma, pai! Deixa de ser apressadinho, ainda me faltam uns mil anos pra chegar na universidade.

– Mas escrever ajuda a raciocinar! Quem escreve bem pensa melhor. Se você não sabe se expressar, como pode dizer o que está sentindo?

Neste novo devezenquandário, decidi que vou contar todas as coisas que acontecem com a minha família. Aqui em casa, todo dia, tem trapalhadas, confusões, brincadeiras, broncas, gargalhadas, auês e gritarias. É mais ou menos como acontece com todas as outras famílias, só que a minha é um pouco mais estranha e agitada.

Antes eu só escrevia sobre o que acontecia comigo. Eu fiz isso, eu imaginei aquilo. Uma chatice!

Ontem deu no noticiário da tevê que um bom método para ajudar a escrever é imaginar que a gente está falando com outra pessoa. Então resolvi que vou ter uma irmã imaginária.

Faz de conta que, de repente, do nada, aparece uma menina na minha frente e pergunta:

– Quem é você?

Eu me volto para o teclado e escrevo:

– Eu sou Leila Rosa.

– Que nome mais estranho!

– Leila quem escolheu foi o pai. Era uma artista, a primeira mulher a botar um biquíni quando estava grávida. Ele achou aquilo legal. Rosa era o nome da minha bisavó materna, que morreu com vinte anos. Foi o nome escolhido pela mamãe... E você, quem é?

– Sou Fulana, sua irmã gêmea. Fui roubada da sala de parto. Mamãe estava anestesiada, nem soube que havia tido gêmeas. Aí, me levaram pra outra cidade, onde eu fui criada por uma família horrível. Eu era uma espécie de Gata Borralheira. Todo santo dia me xingavam. E batiam muito em mim. Hoje, com peninha do meu sofrimento, a empregada de lá me deu o endereço de vocês e me mandou fugir. Estou aqui, querida irmã.

– Uau! Que baita surpresa!

A menina é igualzinha a mim mas tem a pele bem morena. Já eu sou branquela e sardenta.

– Desembucha, Leila Rosa. Tô doida pra saber tudo sobre você e sobre a nossa família.

– Estudo no oitavo ano e tenho dez professores...

– Garanto que uns dois ou três deles devem ser bem malas...

Continuo escrevendo:

– Não curto tirar notas baixas, mas também não gosto que me chamem de cê-dê-efe quando consigo um dez. Bem, eu nunca tirei dez em nada. O máximo que consegui, uma vez, foi um nove em Português.

– É isso aí, parceira! Nada irrita mais um professor que dar um dez. Se você tira um dez, acaba com o maior prazer deles, que é justamente ferrar a gente.

Paro e olho bem para a minha irmã gêmea. Ela é idêntica a mim: no corpo, no rosto e nos gestos. Como eu, ela pesa uns sessenta quilos e deve ter mais ou menos um metro e sessenta.

Mas seus olhos são negros e os meus, verdes.

Continuo:

– Gosto da escola, mas me amarro mais em me espichar na frente da televisão com uma panela de pipoca no colo. Principalmente quando passa um daqueles filmes debiloides sobre adolescentes otários.

Fulana solta uma risadinha e comenta:

– Acho que as pessoas de verdade são ainda mais bobas do que as personagens de filmes.

– Meu professor de História diz que ver televisão é a única atividade humana que a gente pode fazer 24 horas por dia, todos os dias do ano, sem aprender nada.

Minha irmã gêmea imaginária, ainda rindo, levanta da cama e dá uma volta pelo quarto. Meu quarto. Pisa em uma blusa limpinha que está caída ao lado da cama e remexe nos cadernos sobre a escrivaninha. Depois, agarra pela tromba e sacode o elefante verde de pelúcia, meu bichinho preferido.

Fico nervosa. Odeio quando mexem nas minhas coisas.

De repente, quando vou reclamar, ela desaparece. Some no ar.



X Pior que um garoto,
só vários deles

Sento aqui na frente do computador para escrever e minha irmã gêmea reaparece. De novo, vem do nada. Não me dá nem bom-dia. Chega muito dona de si. Tento não dar bola. Fico olhando para a tela enquanto ela caminha pelo quarto, mexendo em tudo. Só para desviar a minha atenção, garanto. Quando já estou quase explodindo de raiva, grito:

– Não dá pra você ficar quieta?

Ela crava em mim aqueles olhões negros:

– Dá. Desde que você continue escrevendo sobre a sua vida e a vida da nossa família.

– Tá bom. Senta aqui do meu lado. Enquanto eu teclo, você lê.

Ela se joga de bunda em cima da minha cama e ordena:

– Começa de uma vez!

Essa frase me irrita muito, muito mesmo. Não só a frase, mas também a entonação. Voz de quem pensa que manda. Mesmo assim, decido escrever para que ela sossegue:

– Desde que nasci, moro aqui neste prédio. Todas as minhas amigas também moram aqui. Crescemos juntas. A gente brinca desde bebê num parquinho que tem lá embaixo. Quando pequena, o que eu mais gostava de fazer era ficar no tanque de areia. Mamãe me pegava no colo e dizia: “Que bela menininha à milanesa!”.

Fulana, já de pé do meu lado, arma cara de pouco-caso:

– Minha mãe, quero dizer, aquela bruxa que me criou, me chamava de “peste”. A frase preferida dela era: “Sai pra lá, peste do diabo!”.

Não dou bola para as palavras dela. Já na primeira visita eu tinha notado que ela era chegada a um dramalhão.

– Depois, a gente cresceu e foi se afastando. Tem umas meninas aqui no prédio que já fizeram quinze anos e se acham o máximo, adultas. As que têm a minha idade são um saco. A conversa delas é quase tão nada a ver quanto as falas das personagens da tevê. A diferença é que elas não são dubladas.

Fulana ri um pouco antes de dizer:

– Eu também morro de tédio quando estou com as minhas amigas, mas fico com elas porque deve ser pior morrer de tédio sozinha. Suas amigas gostam de conversar sobre o quê?

– O papo preferido são os carinhas da nossa quadra. Mas eu não me interesso pelos garotos que conheço desde pequenos. Não posso namorar um sujeito que vi ranhento e com uma chupeta na boca. Sem contar que, como todos os garotos

com menos de quinze anos, os daqui da nossa quadra são uns perfeitos manés.

– É verdade, Leila Rosa. Uma menina com doze anos já é mais madura do que qualquer garoto de quinze. Eles são todos meio lerdos.

– As garotas dizem que sou exigente demais. Sou, sim, mas uma coisa é certa: tenho faro pra descobrir qual dos garotos é o mais sem graça...

Ela me interrompe:

– Vocês praticam algum esporte? Eu sou tarada por futebol. O meu negócio é jogar de zagueira só pra chutar as canelas das outras.

– Eu gosto de vôlei. Quase todos os dias, de tardezinha, a gente joga lá embaixo num gramado ao lado do prédio. Mal armamos a rede, os meninos surgem de todos os lados. Eles vêm pra implicar com a gente. Eu me irrita com as meninas porque elas ficam soltando gritinhos ou dando saltos enormes só pra se exibir. Se não tivesse meninos por perto, a gente se divertiria mais.

– Pior que um garoto, só vários deles – filosofa minha gêmea.

– Aí, quando escurece, eu subo pro apartamento. Se os meus irmãos já estão lanchando, eu sento junto com eles. Se ainda não lancharam, espero eles chegarem. Meu passatempo predileto é bater boca com eles nessa hora.

Entusiasmada, minha gêmea esfrega as mãos:

– Tô me amarrando em você, irmãzinha.

– Meus irmãos implicam com tudo que eu faço. Se como em silêncio, eles dizem que eu não mastigo, que engulo tudo inteiro. Se eu mastigo, eles dizem que estou ruminando como uma vaca.

– E você não reage?

